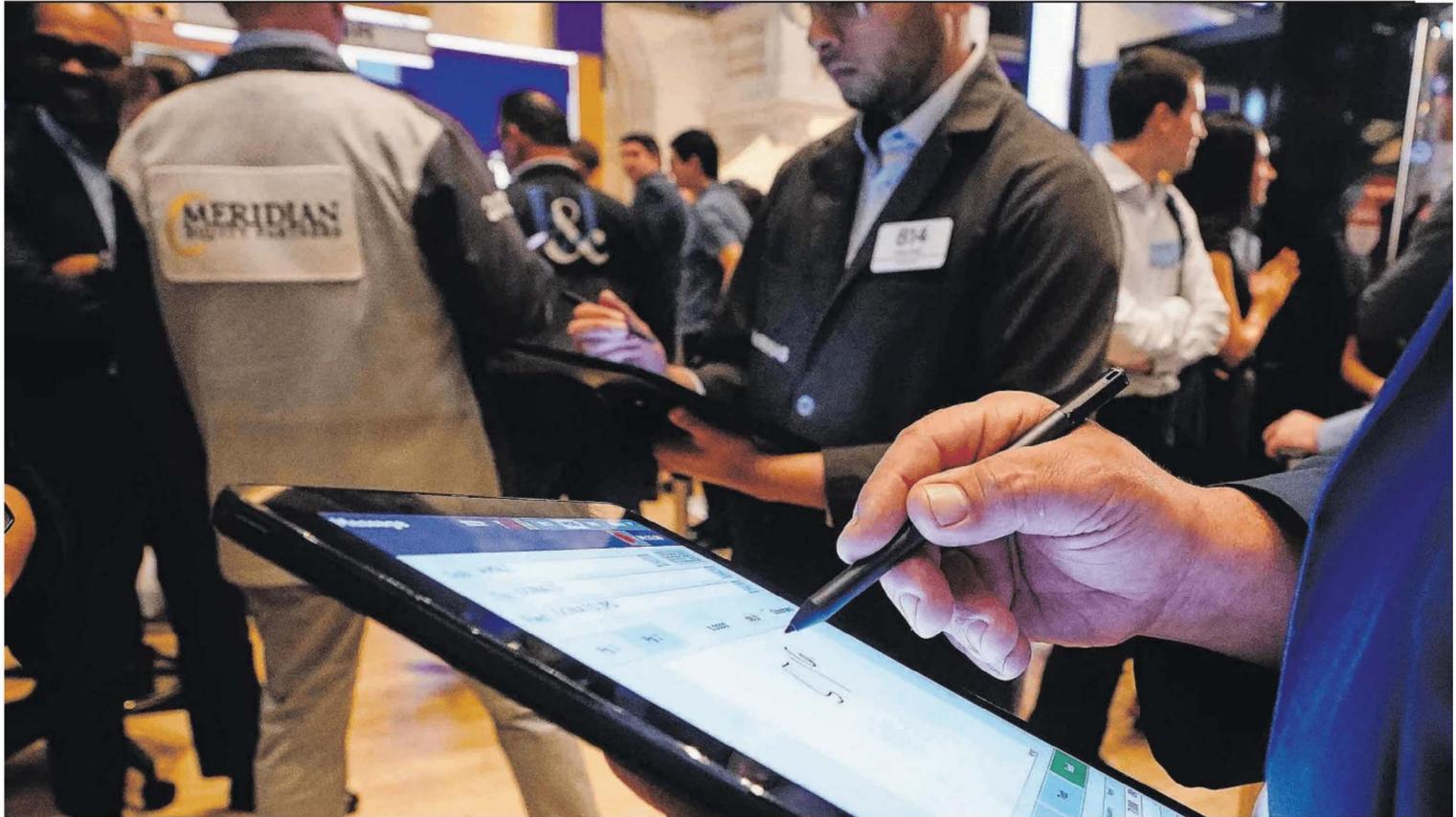


ID: 117838377

24-06-2025

## PRIMEIRA LINHA CRISE NO MÉDIO ORIENTE



Os mercados financeiros estão em alvoroço e a primeira sessão da semana foi uma verdadeira montanha-russa de emoções - e de decisões de investimento.

# Investidores apertam os cintos para a turbulência

Bolsas, divisas, obrigações, ouro e petróleo foram apanhados num corripio de volatilidade. O que hoje é, amanhã pode já não o ser. Após ter disparado de madrugada, o anúncio de que o Irão tinha retaliado contra os EUA levou o crude a afundar.

**CARLA PEDRO**  
cpedro@negocios.pt

**A** semana arrancou da forma menos desejada para os investidores: com muita volatilidade. Se há coisa de que os mercados não gostam é de incerteza, pelo que a atual situação no Médio

Oriente está a gerar grande turbulência. Com efeito, 10 dias depois do início dos ataques aéreos de Israel contra o Irão, e após os Estados Unidos terem lançado uma ofensiva cirúrgica sobre três importantes instalações nucleares iranianas no sábado, os mercados entraram em modo "risk off".

Esta aversão ao risco levou a uma queda das bolsas e a uma maior procura por alguns ativos de refúgio, como o dólar e as obriga-

ções soberanas – o que fez com que os juros da dívida se agravassem. Já o ouro, que é um porto seguro por excelência, não beneficiou desse estatuto, muito à conta da valorização da nota verde. Mas rapidamente tudo mudou.

A inversão de tendência começou a ser visível a meio da tarde. Os juros das obrigações acabaram por recuar, ao passo que a aposta nas ações defensivas deu algum gás às bolsas. Já o ouro entrou em terri-

“

**A chave é perceber se a subida do preço do petróleo vai ser temporária ou mais permanente.**

**GREGOR HIRT**  
Estratega da Allianz GI

tório positivo e o dólar perdeu força – numa altura em que tem sido penalizado pela menor atratividade como reserva de valor mundial, dada a incerteza em torno do Presidente dos EUA, Donald Trump, num contexto de diminuição do "excepcionalismo americano". A alta volatilidade continuou a ser a maior certeza dos mercados.

O petróleo não foi exceção, com a matéria-prima a viver um dia de autêntica montanha-russa.

ID: 117838377

24-06-2025

Richard Drew/AP

co e também porque a maioria dos observadores começa a não acreditar que o Irão concretize a ameaça de fechar o Estreito de Ormuz.

“Um conflito muito dispendioso poderia minar ainda mais a estabilidade interna do regime iraniano. A melhor opção para o Irão poderá ser optar por retaliações simbólicas que não desencadeiem uma grande resposta dos EUA”, aponta o economista-chefe da Berenberg, Holger Schmieding, numa análise a que o Negócios teve acesso.

### Turbulênciavai acelerar

Já a agitação nos mercados deve aumentar. Os investidores “devem preparar-se para uma turbulência a curto prazo, com os preços da energia e as expectativas de inflação em primeiro plano. Não obstante, tal como em crises anteriores, os movimentos excessivos do mercado podem levar a oportunidades interessantes”, considera Gregor Hirt, diretor de investimento global de multiativos da Allianz Global Investors, acrescentando que os bancos centrais, em particular a Reserva Federal, poderão ter de reavaliar as suas trajetórias de política monetária se a inflação acelerar enquanto o crescimento abranda. “Nos próximos dias, vai ser crucial compreender a extensão dos danos nas instalações nucleares do Irão, a magnitude da resposta iraniana e a posição da comunidade internacional. Tudo isto determinará o sentimento do mercado no curto prazo”, sublinha Hirt.

Igual entendimento têm os analistas da Ebury: “Todas as atenções estão agora viradas para a dimensão da retaliação do Irão, seja através de novos ataques com mísseis e drones contra Israel ou de um bloqueio do Estreito de Ormuz. Se bem-sucedida, esta última medida seria um acontecimento significativo para os mer-

cados, dada a grande importância da rota para o comércio mundial de petróleo, cerca de 20% do qual passa por este estreito”.

### Foco no Estreito de Ormuz

No domingo, o parlamento iraniano votou a favor do encerramento do Estreito de Ormuz, tornando mais real a ameaça que já vinha a ser feita há vários dias por Teerão. Ainda assim, poderá optar por não o fazer, até porque também teria muito a perder. A situação económica do país já não é a da outrora, ao passo que os EUA têm uma nova arma: o “shale oil” (petróleo de xisto betuminoso).

A produção de “shale” norte-americano escalou nos últimos anos, sendo agora os EUA o maior produtor mundial de crude e o quinto maior exportador – depois da Arábia Saudita, Rússia, Iraque e Canadá. A tecnologia de extração continua a ser a mesma (fraturamento hidráulico), mas melhorou bastante e tornou-se menos dispendiosa.

Além disso, há também membros da Organização dos Países Exportadores de Petróleo, nomeadamente a Arábia Saudita, que podem compensar qualquer perturbação na oferta de crude iraniano, caso a ofensiva se agrave, mas o problema irá manter-se se Teerão decidir fechar o Estreito de Ormuz – situado nas águas territoriais do Irão e de Omã.

De facto, se esta importante passagem fechar, muitos analistas veem os preços do petróleo na casa dos três dígitos se isso acontecer. Mas o certo é que, de momento, não se espera um encerramento do estreito. “Tentar estrangular as exportações de energia da região do Golfo seria uma estratégia de alto risco para Teerão. É provável que a China e muitos outros países que não costumam estar do lado dos EUA ficassem zangados”, diz Schmieding.

A chave para as economias globais e a inflação “passa por perceber se o aumento do preço do petróleo vai ser temporário ou mais permanente”, segundo Gregor Hirt. E uma libertação coordenada das reservas estratégicas também poderia atenuar esse impacto. “A UE detém reservas equivalentes a cerca de 90 dias de importações líquidas; os EUA detêm cerca de 20 dias, embora sejam praticamente autossuficientes; e estima-se que a China tenha cerca de 30 dias, embora não publique números oficiais”, sublinha. ■

## Combustíveis sobem, mas é preciso mais para Governo intervir

**A escala da retaliação do Irão é a chave para se perceber o rumo dos valores nos postos de abastecimento e a resposta do Executivo.**

Donald Trump estava na dúvida, mas decidiu entrar na guerra. Os EUA fizeram explodir as principais instalações nucleares iranianas, provocando a ira das autoridades de um país que é responsável por 20% a 25% de todo o petróleo produzido no mundo. Uma retaliação, nomeadamente através do encerramento do Estreito de Ormuz, tem, por isso, o poder para fazer disparar as cotações do petróleo. Mas, por enquanto, é apenas uma possibilidade.

Os preços da matéria-prima já vinham a agravar-se nos mercados internacionais, em resultado da instabilidade na região, com os ataques de Israel ao Irão. Subiram, mas “face a crises passadas, foi uma evolução contida” nos preços. “Não houve um aumento muito significativo das cotações. Não foi assustador”, diz António Comprido, secretário-geral da EPCOL, ao Negócios.

O Brent chegou aos 80 dólares. Embora continue abaixo dos níveis dos últimos anos, também porque “tem havido uma valorização do euro face ao dólar, o que atenua o impacto”, os preços dos produtos refinados agravaram-se nos mercados internacionais, o que está a ter reflexos imediatos nos postos de abastecimento nacionais.

“Já houve aumentos de oito centímetros por litro no caso do gasóleo e de três centímetros na gasolina”, sendo que é cedo para perceber se haverá margem para novas

subidas expressivas. “Tudo vai depender de como vai evoluir a cotação dos produtos”, diz António Comprido que, acrescenta, acredita que será cedo para que o Governo tome qualquer medida para compensar estes aumentos.

António Leitão Amaro, ministro da Presidência, lembrou a “disponibilidade para tomar medidas se e quando os agravamentos forem significativos e duradouros ou com perspectiva de serem duradouros”. Até agora, a subida foi significativa, mas não se sabe se continuará.

O Executivo “não vai dar de mão beijada já qualquer redução de carga fiscal enquanto os valores [dos combustíveis] estiverem nestes níveis”. “Não deve haver qualquer intervenção imediata. Estarão a monitorizar”, diz António Comprido, salvaguardando qualquer margem para intervirem caso a situação escale.

### Fechar Ormuz?

Comprido diz que há, neste momento, uma “grande imprevisibilidade”. Não se sabe como vai evoluir o conflito, se haverá negociações ou ameaças veladas de continuação do conflito. E se há, ou não, retaliação por parte do Irão, sendo a “mais preocupante a eventual tentativa de obstrução do Estreito de Ormuz”. Isto porque “passa por ali uma percentagem significativa de petróleo bruto, de produtos refinados e também de gás natural”.

Mas será difícil que tal aconteça. Primeiro, porque o “Irão ficaria sem poder escoar petróleo, a sua principal fonte receita”, depois porque tal afetaria os seus clientes, particularmente a China. “A China não verá com bons olhos jogada tão radical” por parte do Irão. Mas a acontecer, haveria forma de a China compensar. Uma dessas seria através da Rússia. “Seria alternativa para a China e venderia mais caro” o petróleo que o Ocidente não aceita, diz o responsável da EPCOL. ■ PAULO MOUTINHO

## 20 CRUDE

Cerca de 20% do comércio mundial de petróleo passa pelo Estreito de Ormuz, nas águas territoriais do Irão e Omã.

Depois de abrir em forte alta na sessão asiática, a escalar 5,7% para máximos de cinco meses, acabou por perder fôlego e entrou em terreno negativo, a cair mais de 2%. Mas não se ficou por aí. Ao final da tarde, com o anúncio de que o Irão tinha retaliado contra os EUA, lançando mísseis sobre bases norte-americanas no Qatar e Iraque, perdeu mais terreno. O Brent do mar do Norte, negociado em Londres e referência para as importações europeias, cedia 6,90% ao final do dia, para 71,70 dólares por barril, depois de ter chegado a valer 81 dólares. Já o West Texas Intermediate, “benchmark” para os EUA recuava 6,96% para 68,70 dólares.

As primeiras quedas tiveram sobretudo a ver com o facto de os petroleiros terem continuado a sair do Médio Oriente sem problemas, e coincidiram também com os apelos de Trump para que se mantivessem os preços baixos. Mais tarde, já com a ofensiva iraniana sobre alvos norte-americanos na região, o crude depreciou-se ainda mais devido a um movimento de “sell-off” perante o ris-

ID: 117838377

24-06-2025

# Ataque dos EUA ao Irão acrescenta incerteza à economia mundial

Com a economia já pressionada pelas elevadas tarifas comerciais de Donald Trump, o ataque dos Estados Unidos (EUA) ao Irão vem adicionar incerteza sobre os preços e a atividade, tanto em solo norte-americano como na Zona Euro.

Em primeiro lugar, pelo potencial encerramento do Estreito de Ormuz pelo Irão, em resposta ao ataque dos bombardeiros americanos. “Este é o principal risco económico a acompanhar”, afirma Holger Schmieding, do Berenberg, já que cerca de 20% do comércio mundial de petróleo e de gás natural liquefeito passam pelo estreito.

“Com um bloqueio bem-sucedido, vemos o Brent a subir para 120 dólares o barril no curto prazo; um bloqueio prolongado (até ao final de 2025) colocaria os preços acima dos 150 dólares o barril, um novo recorde histórico”, afirma a equipa de analistas do ING. A confirmar-se, seriam aumentos de cerca de 60% e de quase 100%, respetivamente. Para já, os petroleiros aguardam nas imediações do estreito ou alteraram rotas – mais longas – para evitar aquela geografia.

Se a expectativa da Fed é que, apenas pelo efeito das tarifas, os preços comecem a subir acentuadamente nos próximos três meses nos EUA, o aumento do preço do petróleo só vai reforçar essa previsão, avisam os analistas. Mas, por outro lado, a disrupção no Estreito de Ormuz pode ter um efeito limitado na economia americana, já que os EUA são um exportador líquido de petróleo, com menos de 10% das suas importações a vir do Golfo Pérsico. Ainda assim, preços energéticos mais altos a nível global vão pesar nas empresas e famílias norte-americanas.

Para a Zona Euro, o impacto de preços energéticos mais elevados na atividade económica também vai ser limitado, admite o ING. De acordo com cenários do Banco Central Europeu (BCE), um aumento de 20% no preço da

energia pode cortar o crescimento em 0,1 pontos percentuais em 2026 e em 2027.

Aplicando os preços de hoje ao cenário macro do BCE, a inflação subiria em 0,3 pontos percentuais este ano e 0,6 pontos no próximo – voltando a colocar os preços acima do objetivo da autoridade monetária, pelas contas do ING. Recorde-se que, em junho, Christine Lagarde ficou muito perto de declarar vitória na inflação, sobretudo porque houve uma forte revisão em baixa das estimativas do preço do petróleo e do gás natural, o que fez o ‘staff’ do BCE reduzir a estimativa de inflação para 2% este ano e para 1,6% no próximo. “Digam adeus aos receios de baixar demasiado a inflação e olá a receios inflacionistas renovados”, termina Carsten Brzeski, diretor global do ING.

Escalada até onde?

Essa é a grande questão: o alcance e duração do conflito, se pode haver ramificações para outros países da região e em que dimensão. Para já, os principais líderes mundiais apelam a que o Irão regresse à mesa das negociações. “As preocupações com a retaliação e a escalada desta guerra são enormes”, resumiu a chefe da diplomacia da União Europeia, Kaja Kallas, à margem do Conselho dos Negócios Estrangeiros.

Esta segunda-feira, já ao final da tarde, o Irão lançou um ataque à base aérea dos Estados Unidos



**Digam adeus aos receios de baixar demasiado a inflação e olá aos receios inflacionistas renovados.**

**CARSTEN BRZESKI**  
Diretor global do ING



ID: 117838377

24-06-2025

**Possível encerramento do Estreito de Ormuz põe pressão sobre atividade econômica, mas sobretudo sobre os preços, avisam analistas, tanto nos EUA como na Zona Euro. Irão lança ataque a bases aéreas norte-americanas no Qatar e ameaça outros interesses militares de Washington na região. Conflito ganha novos contornos.**

SUSANA PAULA susanapaula@negocios.pt | PAULO RIBEIRO PINTO paulopinto@negocios.pt



Fonte: U.S. Energy Information Administration

no Qatar, que pouco antes tinha encerrado o espaço aéreo. A base norte-americana de Al-Udaid – a maior dos EUA na região, que alberga perto de 8.000 militares norte-americanos e de outros países como o Reino Unido, em regime de rotação – está situada nos arredores de Doha, capital do país, e acolhe o quartel-general do Centcom para todas as operações aéreas no Médio Oriente. De acordo com o porta-voz do Ministério catari dos Negócios Estrangeiros, o país conseguiu intercalar todos os mísseis iranianos.

Também no pequeno Estado do Bahrein, no Golfo, se ouviram sirenes ao início da noite. É lá que está situada a Quinta Frota dos EUA, responsável pelas forças navais na região do Golfo Pérsico, mar Vermelho, mar da Arábia e costa oriental de África.

Depois do ataque dos Estados Unidos a bases de enriquecimento de urânio do Irão, Israel intensificou esta segunda-feira os ataques, atingindo alvos na capital Teerão – sobretudo com valor simbólico ou político –, nomeadamente instalações paramilitares, uma importante prisão com dissidentes políticos do regime e vias de acesso à central de Fordo, bombardeada pelos EUA dois dias antes.

Telavive prometeu manter a campanha por mais dias, até atingir o objetivo. ■



**As preocupações com a retaliação e a escalada desta guerra são enormes.**

KAJA KALLAS  
Alta representante da UE  
para os Negócios Estrangeiros

## Crise no Médio Oriente ofusca cimeira dos números

**Envolvimento dos EUA no conflito entre Israel e o Irão baralhou planos iniciais para definir novas metas vinculativas de despesa.**

Foi uma cimeira a pensar em Donald Trump e continuará a ser uma reunião à volta do presidente norte-americano, mas com novos desenvolvimentos e que podem, no limite, alterar a agenda prevista. O envolvimento dos EUA no conflito entre Israel e o Irão deram uma renovada face ao que era esperado do encontro da NATO.

Esta segunda-feira, o secretário-geral da Aliança Atlântica fez a antevisão do encontro em Haia, Países Baixos, reforçando a ideia de que a meta dos 5% estava fixada e nada – nem mesmo as reticências de Espanha – pareciam perturbar os planos de Mark Rutte. “A NATO não tem isenções, nem faz acordos paralelos”, garantiu na conferência de imprensa. “É fundamental que cada aliado assuma a sua quota-parte do fardo”, afirmou, afirmando que todos, “enquanto aliança, vão concordar em gastar 5% na defesa em 2035”. Espanha propõe um adicional de 2,1%, ao contrário dos 3,5% que a NATO aponta para 2029.

Ao El País, fonte do Executivo de Pedro Sánchez, disse que não havia contradição entre o que o secretário-geral da Aliança afirmou e o Palácio da Moncloa. A verdade é que a declaração final, esperada para amanhã, deverá desfazer dúvidas sobre quanto Madrid vai gastar e o período. É a cimeira dos números, como já ficou conhecida.

Dos restantes países mem-

bros, destaque para a garantia dada pela Alemanha de aumentar o orçamento para 3,5% do PIB ao longo dos próximos cinco anos, que alinharia com a meta da NATO nos gastos com investimento central de equipamento militar.

Também Itália se comprometeu com a despesa de 5%. A primeira-ministra Giorgia Meloni garantiu que o país vai já este ano alcançar os 2% do PIB, lembrando que ainda terá mais dez anos para atingir os restantes 1,5%. Portugal já se comprometeu a atingir este ano os 2%, antecipando a meta que estava prevista para 2029.

### Para lá dos números

Mas a cimeira ficará marcada pelos novos desenvolvimentos no Médio Oriente, apesar de Rutte ter insistido que a reunião foi marcada com o intuito de reforçar a capacidade da NATO. “O assunto de certeza vai emergir no nosso debate”, admitiu, lembrando que a Aliança Atlântica sempre foi contra a possibilidade de o Irão vir a adquirir armas nucleares.

Essa será a sombra do encontro, como, para muitos, será Volodymyr Zelensky, que estará ausente da reunião do Conselho do Atlântico Norte, participando em sessões bilaterais paralelas. Afinal, foi por causa da invasão russa da Ucrânia que quase tudo mudou na Europa sobre o rearmamento do projeto feito para a paz. ■

ID: 117838377

24-06-2025

NurPhoto/Getty Images

**CRISE NO MÉDIO ORIENTE**

# Ataque traz mais incerteza à economia e aos mercados

- Irão ofusca cimeira dos números. Volatilidade atinge investidores.
- Sem bloqueio em Ormuz, petróleo cai. Executivo atento aos combustíveis.

PRIMEIRA LINHA 4 a 7

